

Intervenções artísticas de Maristela Ribeiro: sob inventário

Artistic interventions by Maristela Ribeiro: under inventory

Cristiano Silva Cardoso¹

RESUMO

A instalação é tomada enquanto categoria de análise, alinhando informação, percepção e aprendizagem artística em Feira de Santana BA, ensejando um breve painel sobre a prática artística de Maristela Ribeiro, seus meandros e destacada potência no território. A abordagem qualitativa traça algumas iniciativas que ocuparam o espaço urbano feirense, seus aspectos multirreferenciais e a reflexão sobre a emergência de novas informações e referências patrimoniais e periféricas que de certa forma, ampliam repertórios socioeducativos, no que tange as expressões contemporâneas e locais.

Palavras Chave: Instalação; Feira de Santana; Territórios e Resistências;

ABSTRACT

The installation as a category of analysis, aligning information, perception and artistic learning in Feira de Santana BA, provides a brief reflective panel on Maristela Ribeiro's artistic practice, its intricacies and highlighted power in the territory. The qualitative approach outlines some initiatives that occupied the urban space of Feira, multi-referential aspects and reflection on the emergence of new information and heritage and peripheral references that, in a certain way, expand socio-educational repertoires, regarding contemporary and local expressions.

Keywords: Installation; Feira de Santana; Territories and Resistances;

INTRODUÇÃO

O município de Feira de Santana se destaca pela dinamicidade e papel estratégico que exerce no Estado da Bahia (de sua gênese, como entreposto comercial, a principal influência na recém instituída Região Metropolitana. Nele se congregam riquezas e diversidades, advindas do encontro de pessoas e histórias que retroalimentam imaginários entorno do “ser e do viver nordestino”.

¹ Museólogo UFBA; Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação UNEB; Doutorando Em Difusão do Conhecimento UFBA; Diretor do Museu Casa do Sertão UEFS. ccardoso@uefs.br

Aspectos que são moldados por um peculiar cotidiano híbrido, com feições rurais e urbanas, mas que, assim como as demais cidades brasileiras, se firma numa estrutura econômica e social desigual, fazendo com que indivíduos e grupos constantemente exercitem vivências de pertencimento e exclusão.

A cena cultural feirense é composta não só por expressões artísticas de notoriedade, equipamentos públicos a exemplo dos monumentos, centros culturais, museus, galerias, teatros, espaços abertos e pessoal especializado.

Ela se faz especialmente, por meio de iniciativas individuais e comunitárias, ocorridas nos espaços periféricos e centrais e que se voltam a atender as crescentes demandas sociais não só por lazer e entretenimento, mas por formação cultural e posicionamento crítico, reflexivo inclusivo e transformador.

Tratam-se de complexos ecossistemas permeados de ações de comunicação e valorização da memória, que se dão em contextos variados, também denominados por patrimônio-acontecimento e ou circuitos de ativismo patrimônio-cultural. Tais dinâmicas são responsáveis por vincular públicos e gerações a temas como referenciais identitários, violência, ocupação e renda, numa diversidade de pautas, acervos e dinâmicas expositivas, que carecem no âmbito acadêmico, de análise e reflexão.

No presente relato trazemos a baila, uma abordagem qualitativa visando traçar um breve panorama reflexivo sobre algumas iniciativas conduzidas por Maristela Ribeiro², aludindo um brevíssimo inventário visual destas dinâmicas de difusão artística.

Pretende-se referendar a emergencia de ações e a ampliação de repertórios socioeducativos, no que tange a expressões e poéticas artísticas contemporâneas, bem como, suscitar o deslocar olhares para uma agenda propositiva no campo das artes, que parte do interior do estado. Para tanto o convite a transitar por algumas das aludidas intervenções, enquanto categoria de análise, pode nos conduzir a eventuais pistas de como podem se

² Doutora em artes visuais e mestre em poéticas visuais pela EBA-UFBA, Salvador, Bahia. Desde meados dos anos 90 participa com frequência de coletivas, salões e bienais na Bahia, em outros estados brasileiros, assim como em outros países, tendo recebido diversos prêmios e menções.

dar o alinhar de informação, percepção extroversão e aprendizagem artística, ocorridas em Feira de Santana BA.

A escrita evidencia a notoriedade com que a artista visual Maristela Ribeiro, busca em seu exercício artístico, num capítulo a parte de sua profícua caminhada, abordar as polissemias que atravessam o urbano social, especialmente quando propõe diálogos com a imagem, calcados em ferramentas e práticas híbridas, correlacionando o outro e seu espaço de convivência.

Uma trajetória que lança mão do aqui e do agora, para compor uma gramática visual, com toques de subversão à lógicas tradicionais, facilmente identificáveis a pressupostos teóricos como os de Milton Santos e Gaston Bachelard, quando pensaram paisagem e o espaço; de Erwin Panofski, as formas simbólicas; e de Walter Benjamim, para citar apenas três. Este último, foi quem além de refletir sobre a reprodução da obra de arte, uma prática aliás que sempre ocorreu, denotando que o que vem diferencia-la na linha do tempo, é justamente o advento da fotografia, referendando que a técnica além proporcionar acesso das massas a obra de arte, problematiza aspectos como autenticidade e experiência estética urbana.

A errância entre recintos, fachadas, prédios, e a profusão de imagens textos, que desagregados ocupam o campo de visão do ambiente urbano contemporâneo, afeta os caminhantes-observadores. Estes, provocados pela artista, são convidados a partilha de modos distintos e deslocados: da palavra para a arte e da arte para o cotidiano, um *transfer* do texto a textura, arbitrário e coincidente à sensação inquietante e aprazível de conversão de espaços em ideias (não panfletárias), para que assim, se possam ler de distintas óticas, as margens, em seu traçado não só imaginário, conforme visto adiante.

Desenvolvimento

Deambulações citadinas ...

Sob as lentes da objetiva, intrigantes facetas da “princesa do sertão” são colocadas em jogo, e por trás dela, uma cronista instigada com seu tempo,

debruça seu atento olhar sobre o dito sitio urbano, que em pleno processo de modificação, é palco de fugazes e importantes estéticas, cravadas num chão marginal e marginalizado, que ainda assim, se deixa seduzir pelas máximas de uma arte que está e é, para inquietos expectadores, que de repente, se veem arrebatados e espelhados com estranheza e afeto.

O verbete instalação na Enciclopédia Itaú Cultural é dotado de polissemia e pode se referir por exemplo, na arquitetura e urbanismo a programas e projetos que reestruturam, requalificam, reabilitam funcional e simbolicamente espaços. Já na prática artística, e aí que está nosso foco de interesse, é uma vertente direcionada a interferir sobre dada situação, promovendo reações no plano físico, intelectual e ou sensorial. Pode também referendar o trato com de imagens, fotografias e objetos pre existentes, numa apropriação que além de manipular, contribui para outras percepções, aproximadas do cotidiano e desterritorializadas dos consagrados espaços de atuação e linguagem reservados as artes.

Iniciamos o dito arrolamento pelo ano de 2011, no Centro de Abastecimento de Feira de Santana. Em seu estudo Araújo (2014) o caracteriza como um dos mais importantes entrepostos comerciais do interior do estado, erigido na década de 1970 e que reflete uma política de organização urbana, em substituição a histórica formatação da feira, espraiada pelas principais ruas do da cidade.

Nele as acomodações se dão por boxes e nos espaços abertos, acolhendo crescente volume de produtos, negociadores e fregeueses de atacado e varejo que fortalecem a cada dia a rede comercial regional, especialmente a de feijão, cereais, hortaliças, frutíferas, carnes, dentre outros (ARAÚJO, 2014).

Um dos setores mais emblemáticos e pulsantes deste Centro, o de carnes, onde se evidencia o burburinho comercial em falatórios, gritos, ofertas e disputas, perpassadas pela barulho das implacáveis batidas de machado, serras elétricas e trituradores, é que foi escolhido para realização de uma ação artística de baixa complexidade. Ali foram instalados adesivos em vinil, de cor vermelha, com delineamento de animais, normalmente

encontrados no abate e grafismos, sob azulejos brancos, propondo tensionar visualmente, aspectos do hábito gastronômico feirense, conforme visto na figura 1.



Figura 1. Centro de Abastecimento 2011 adesivo de vinil, dimensões variáveis.

Fonte:maristelaribeiro.com.br

A curadoria da intervenção ficou a cargo do artista Leonel Matos e de Celismara Gomes, à época diretora do Centro Universitário de Cultura e Arte da UEFS e dirigiu atenções para um inusitado espaço do cotidiano, inspirando discussões estéticas.

Em 2014, uma localidade de Jaguara denominada de Morrinhos em Feira de Santana, teve seus modos de vida e invisibilidade esgarçados poeticamente, numa complexa intervenção que durou alguns meses e culminou com a ação intitulada Casas dos Sertão. Entrevi-se na fachada de 10 habitações, uma ação de baixo custo com uso de pintura, stencial e adesivo, conforme a panorâmica de uma das casas na figura 2.



Figura 2. Casa de Dinalva 2014 Intervenção fotográfica, ≈ 480 x 270 cm

Fonte:maristelaribeiro.com.br

A proposição de afetamento material e simbólico seu deu por meio da arte que operando imagens, delicadamente influenciou leituras do que Munhoz (2014) chamou de feridas abertas, a condição de precariedade das moradias. Trouxe por elementos de composição o céu aberto enquanto espaço expositivo, o sertão como lugar, a casa como problema e um ponto de vista como estrutura (idem)

Destaque para as iniciativas de 2016: Ponto de Fuga, em que o Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, emprestou sua arquitetura como um “aparato do olhar”. Já, a apropriação do mobiliário no espaço público enquanto suporte imagético, se deu em duas montas: os Sebos Urbanos, que ante o fluxo diário sugestionou aos transeuntes a importância do hábito de ler, isso por meio de imagens em adesivo de coleções de livros, ali dispostos no cruzamento, nas ruínas, colunas; e na Árvore, Um Poema Visual, que transpôs uma cena cotidiana, numa elucubração sobre o sentido e o papel das coisas sem importância. Vale acessar o site da artista e conferir!

Conclusões

Registram-se entorno das metáforas desta artista, vultosa expectativa e repercussão, especialmente, nas que envolvem temáticas, muitas das vezes invisibilizadas pelos aparelhos de Estado e engrenagens do capitalismo. Pode-se considerar que seu vigor, coloca em cheque o uso depreciativo do adjetivo “artístico” destituindo-o de sentidos como inviolável e incompreensível, por meio de uma produção sistemática e reflexiva localizada nos intitulados por Dante Galeffi (2017) Territórios de Resistência, consubstanciando assim, manifestos contra hegemônicos.

Referências

- ARAÚJO, Alessandra Oliveira. Redes e Centralidades em Feira De Santana (BA): O Centro de Abastecimento e o Comércio Do Feijão. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014;
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1984;
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012; p. 165-196.
- GALEFFI, Dante. (2017). A arte como território de resistência: uma perspectiva polilógica. Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales VIII, pp. 22 – 25. Recuperado em <https://iberoamericasocial.com/arte-territorio-resistencia-uma-perspectiva-polilologica>;
- INTERVENÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>. Acesso em: 17 de out. de 2023. Verbetada Enciclopédia;

MUÑOZ, A. O céu aberto, a casa, o sertão e um ponto de vista. (catálogo)
Casas do Sertão. Maristela Ribeiro Morrinhos Bahia, Feira de Santana,
2014;
PANOFSKY, Erwin. La perspectiva como forma simbólica. Barcelona:
Tusquets Editora, 2010;
SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1997.